

**Angel Manuel Pereyra**

**AS CATEGORIAS ESTÉTICAS DO BELO, DO SUBLIME E DO  
GRACIOSO EM SCHOPENHAUER**

**Monografia de Bacharelado em filosofia**

Orientador: Clovis Salgado Gontijo

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2020

**Angel Manuel Pereyra**

**AS CATEGORIAS ESTÉTICAS DO BELO, DO SUBLIME E DO  
GRACIOSO EM SCHOPENHAUER**

Monografia apresentada ao curso de  
Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia  
e Teologia, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Filosofia

Orientador: Clovis Salgado Gontijo

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2020

Dedico esta Monografia a minha sobrinha **Florência**, que com cinco anos de idade acaba de superar o câncer da Leucemia. Obrigado porque com tão grande força você conseguiu irradiar-nos e comunicar-nos a beleza, a graça e o sublime tão extraordinários que brotam qual manancial da tua vitalidade. Com a tua urgência interior por viver faz florescer a maravilha do mistério do ser humano por existir e amar exageradamente.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador Professor *Clovis Salgado Gontijo* por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa. Sou grato pela confiança depositada na minha proposta de projeto, obrigado por me manter motivado durante todo o processo, e obrigado pela compreensão e paciência demonstrada durante o período.

Agradecer a todas as *minhas professoras*, e todos os *meus professores* do curso do Bacharelado em filosofia da Universidade Jesuíta de Filosofia e Teologia do Brasil pela excelência da qualidade acadêmica de cada um.

Por último quero agradecer à *Faculdade de Filosofia e Teologia do Brasil FAJE* pela excelente qualidade educativa que me brindou em todos estes anos do curso.

## RESUMO

Esta pesquisa monográfica pretende abordar as categorias estéticas a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer. O tema abarcado compreende as categorias estéticas do belo, do sublime e do gracioso em Schopenhauer. Os pontos relevantes deste trabalho acadêmico implicam um aprofundamento em como o pensador, com uma sutileza ética e estética, propõe um caminho de superação dos limites existenciais e cognitivos, disponível ao ser humano. O objetivo é apresentar os conceitos das categorias estéticas do sublime, do belo e do gracioso e demonstrar como estes são aplicados ao pensamento schopenhaueriano, no qual a contemplação estética se identifica a um modo particular de conhecimento, com implicações subjetivas e objetivas. A seguir, percorrer-se-á a história das categorias estéticas, como foram gestadas, descobertas, cimentadas e introduzidas ao ambiente da estética filosófica. Também será necessário revisar a metafísica e a epistemologia do autor, intimamente entrelaçadas com a sua estética, para assim elucidar a aplicação das categorias em questão pelo pensamento schopenhaueriano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contemplação. Categorias estéticas. Belo. Sublime. Gracioso.

## SUMARIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1</b>	<b>CAPÍTULO I: As categorias estéticas do belo, do sublime e do gracioso: um breve histórico.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>CAPÍTULO II: Um panorama sobre a metafísica e a epistemologia de Schopenhauer.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2</b>	<b>CAPÍTULO III: A aplicação das categorias estéticas selecionadas ao pensamento schopenhaueriano.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>1.4</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa monográfica tem como eixo central o pensamento de Schopenhauer dentro do marco das categorias estéticas da graça, do belo e do sublime.

Primeiramente, apresentaremos um percurso histórico pelas categorias estéticas, tratando de verificar suas origens, passando pelos pensadores mais relevantes que fizeram aportes destacados na evolução dos conceitos e compreensão das categorias estéticas.

Em seguida, faremos uma exposição do panorama sobre a metafísica e a epistemologia de Schopenhauer destacando os pontos mais importantes relacionados à origem mesma da sua metafísica, os percursos e aspectos mais relevantes para chegar a expor que a vida mesma é um sofrimento permanente em razão do querer ininterrupto da vontade, prolongando uma espécie de circo das paixões e dos enfrentamentos.

Para conseguir superar esse movimento angustiante e incessante, poderemos ver numa passagem exposta por Rosa Maria Diasem Schopenhauer e a Arte, onde expressa que “Schopenhauer apresenta a contemplação estética como a possibilidade para transcender este modo comum de se perceber o mundo, para se libertar do desejo e da vontade e apaziguar temporariamente a dor.” (Rosa Maria Diasem Schopenhauer e a Arte p. 110-111)

No capítulo III abordaremos a aplicação das categorias estéticas selecionadas ao pensamento schopenhaueriano. Neste percurso, poderemos ver a importância das categorias estéticas no pensamento de Schopenhauer.

Arthur Schopenhauer é originário de Danzig, atual Gdansk, Polônia, 22 de fevereiro 1788 na cidade de Frankfurt na Alemanha. Foi filho de um rico comerciante que se mudou com sua família para Hamburgo quando Danzig caiu para os prussianos em 1793. Sua mãe era uma escritora que veio a gozar de alguma fama, o salão literário que fundou em Weimar deu ao filósofo a oportunidade de entrar em contato com personalidades como Goethe.

Com apenas 5 anos de idade, a família passou a viver na cidade de Hamburgo, na Alemanha. Alguns anos depois foram para a França, local onde Arthur começou a estudar línguas.

Mas foi em suas viagens que Schopenhauer começou a filosofar sobre a existência humana e os problemas do homem. Ingressou na Faculdade de Comércio em Hamburgo, mas logo depois abandonou o curso.

Em 1805, ele começou uma carreira comercial como um aprendiz por vontade de seu pai, cuja morte (aparentemente por suicídio) permitiu-lhe preparar-se para estudos superiores, ingressando na Universidade de Göttingen como estudante de medicina em 1809. Mas a leitura

de Platão e Kant direcionou seus interesses para a filosofia, e em 1811 mudou-se para Berlim, onde estudou por dois anos, seguindo os cursos de Fichte e Schleiermacher; a decepção que ambos lhe causaram foi a razão para um afastamento momentâneo da filosofia e um interesse pela filologia clássica.

As campanhas napoleônicas deram-lhe a oportunidade de se retirar-se em Rudolfstadt, onde preparou sua tese intitulada *A Raiz Quádrupla do Princípio da Razão Suficiente*, que lhe rendeu um doutorado pela Universidade de Jena e foi publicada em 1813. Mais tarde, retornou a Weimar, onde manteve proximidade com Goethe e foi introduzido por F. Mayer na filosofia hindu antiga, um dos pilares, junto com Platão e Kant, do que viria a ser seu próprio sistema filosófico.

Isso ficou definitivamente exposto em sua obra *O mundo como vontade e representação*. A realidade autêntica corresponde a um princípio que Schopenhauer chamou de vontade, do qual o mundo como representação é sua manifestação; o sistema se completa com a ética e a estética. Quando o indivíduo, diante do mundo como representação, pergunta-se o que está por trás das aparências, ele obtém a resposta a partir de sua experiência interna, no que se denomina vontade; mas sua irracionalidade, seu desejo perpetuamente insatisfeito pela vida, produz uma insatisfação que a consciência só pode suprimir por meio de uma série de fases que levam à negação consciente da vontade de viver.

A influência de Kant no sistema é clara: o mundo fenomênico corresponde à representação, enquanto a vontade constitui a verdadeira natureza do número, segundo Schopenhauer, uma vez que sua essência é descoberta pelo homem em si mesmo como um impulso irracional, vital.

O filósofo confiava no reconhecimento imediato da importância de sua obra, mas ela não atraiu imediatamente muita atenção, embora o tenha ajudado a obter em 1820, após uma viagem à Itália, o status de professor da Universidade de Berlim. Ali ele tentou em vão competir com Hegel, então no auge de sua popularidade, pela qual anunciava seus cursos ao mesmo tempo que os do primeiro, a quem abertamente considerava seu adversário. Mas não teve sucesso; em 1825, após uma nova viagem à Itália e um ano doente em Munique, Schopenhauer desistiu de sua carreira universitária.

A partir daí, até à sua morte, viveu uma existência reclusa, que passou em Frankfurt a partir de 1831, para onde se mudou fugindo da cólera que nesse mesmo ano levou Hegel para o túmulo. Após a segunda edição (1844) de sua obra principal, consideravelmente ampliada com cinquenta novos capítulos, tornou-se conhecido graças a uma coleção de ensaios e

aforismos publicados em 1851. No clima intelectual criado após a revolução de 1848, sua filosofia alcançou, eventualmente, reconhecimento internacional e exerceu considerável influência sobre pensadores como Friedrich Nietzsche.

Arthur Schopenhauer faleceu em Frankfurt, dia 21 de setembro de 1860. Principais Obras: O Mundo como Vontade e Representação; Da Vontade na Natureza; Metafísica do Amor/Metafísica da Morte; A Arte de se Fazer Respeitar; A Arte de Insultar; A Arte de Ter Razão; A Arte de Ser Feliz; A Arte de Lidar com as Mulheres; O Livre Arbítrio; Dores do Mundo.

## CAPÍTULO I

### AS CATEGORIAS ESTÉTICAS DO BELO, DO SUBLIME E DO GRACIOSO: UM BREVE HISTÓRICO

#### A categoria estética da graça

As categorias e o âmbito da graça têm que ver com as questões relacionadas com o movimento interior, também com as questões que sejam relacionadas como o sentir interno. Cabe destacar que para Schopenhauer a graça é compreendida como a representação exata da vontade por meio de um fenômeno situado no tempo. (CLOVIS, Salgado Gontijo. *Artigo: A Categoria e o âmbito da graça*. pg. 6)

A graça é, como denomina Raymond Bayer no seu livro *História da Estética* p. 26, a primeira interiorização e espiritualização da beleza, ela é um movimento que faz bem, ela justamente permite esse adentrar-se nas questões mais profundas das coisas existentes e representadas tanto nas imagens, nas esculturas etc. Ela, a graça, permite-nos contemplar aquilo que atinge as particularidades dos movimentos e acontecimentos fundamentais das coisas representadas. Aqui denota-se a importância da graça para dar a originalidade seja à figura ou à representação da figura que intentasse plasmar e comunicar, ela dá o toque de ser para que essa figura ó imagem seja ela mesma.

Montesquieu, no *Ensaio sobre o gosto*, “sobre o *je ne sais quoi*” faz uma caracterização muito peculiar para poder colocar a graça na particularidade e singularidade do ser humano como aquela que dá um toque especial no ser humano, denomina-a como aquela que é percebida além das expressões exteriores, manifestando-se a partir da interioridade.

Especifica que a graça se encontra mais no espírito que no rosto, este último se mostra pouco a pouco, quando quer e enquanto quer.

#### A categoria estética do Belo

Para adentrarmos num percurso histórico sobre a categoria estética do belo, recorreremos ao *Lysis* (grego Λύσις), também denominado *Sobre a amizade*, um dos diálogos escritos por Platão, pertencente ao seu primeiro período, que trata da busca de uma definição única da natureza da virtude da amizade.

Nele, Platão descreve o belo da seguinte forma: “De qualquer modo, [o belo] assemelha-se a algo macio, liso e lustroso, explicando isso talvez porque desliza tão facilmente entre nossas mãos e nos escapa, devido a essa sua natureza. De fato, sustento que o bom é o belo.”

No *Hípias maior* (grego: *Ἰπίας Μείζων*), também conhecido como *O que é belo?*, um dos diálogos de Platão pertencente à série dos Primeiros Diálogos, escritos numa época em que o autor ainda era jovem, denomina o belo da seguinte forma:

“Escuta aqui: se denominássemos belo o que nos proporciona prazer, isto é, não toda espécie de prazer, mas apenas os que alcançamos pela vista e pelo ouvido, de que modo poderíamos defender-nos? É fora de dúvida, Hípias, que os belos homens, as coisas variegadas, os trabalhos de pintura e de escultura nos são agradáveis à vista, quando belos, como também se dá com os belos sons, a música em todas as suas manifestações, os discursos e a poesia; de forma que, se respondêssemos àquele sujeito impertinente: O belo, caro amigo, é o que nos deleita por meio da vista e do ouvido, não te parece que poríamos fim ao seu atrevimento?” (Platão. *Hípias maior*, 298a)

No *Fédon* ou *Sobre a Alma* (no grego clássico, *Φαίδων ἢ περὶ ψυχῆς*), diálogo platônico que acontece nas últimas horas da vida de Sócrates, antes de ser executado, tendo como elementos discussões sobre a imortalidade da alma, é feita outra colocação sobre o belo:

“Se alguém me diz por que razão um objeto é belo, e afirma que é porque tem cor ou forma, ou devido a qualquer coisa desse gênero – afasto-me sem discutir, pois, todos esses argumentos me causam unicamente perturbação. Quanto a mim, estou firmemente convencido, de um modo simples e natural, e talvez até ingênuo, que o que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este. O modo por que essa participação se efetua, não o examino neste momento; afirmo, apenas, que tudo o que é belo é belo em virtude do Belo em si.” (Platão, *Fédon*, 100c-d)

Aristóteles na *Poética* ou *Sobre a poética* (*Περὶ Ποητικῆς*) é uma obra de Aristóteles escrita no século IV a. C. Nela, Aristóteles propõe-se a falar da arte poética em si e de suas formas, das potencialidades que cada uma delas possui e de que maneira os enredos devem ser compostos para que a composição poética seja bela. Destaca aqui em que consiste o belo:

“Porque o belo consiste na grandeza e na ordem, e, portanto, um organismo vivente, pequeníssimo, não poderia ser belo (pois a visão é confusa quando se olha por tempo quase imperceptível); e também não seria belo, grandíssimo (porque faltaria a visão do conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade; imagine-se, por exemplo, um animal de dez mil estádios...).” (Aristóteles. *Poética*, VII)

São Boaventura, no *Itinerarium mentis in Deum*, II, 7, diz: “todas as coisas são, portanto, belas e de certo modo deleitáveis; e não há Beleza e deleite sem proporção, e a proporção encontra-se em primeiro lugar nos números: é necessário que todas as coisas tenham uma proporção numérica e conseqüentemente ‘o número é o modelo principal na mente do Criador’ e o principal vestígio que, nas coisas, conduz à sabedoria.”

Santo Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, questão 29, artigo 8 expressa que “a beleza inclui três condições: integridade ou perfeição, visto que as coisas imperfeitas são, por isso mesmo, feias; devida proporção ou harmonia; e, por fim, brilho ou claridade, e daí se chamem belas às coisas que têm uma cor brilhante.”

Kant, na *Crítica da faculdade de juízo*, refere-se que o Belo é o que apraz independentemente de um conceito. Já Hegel nas suas lições de Estética, cap. 2 indica que “o belo se determina como a aparência ou o reflexo sensível da ideia”.

Já Schiller, nas Cartas para a educação estética (Carta I) diz que “o encanto da beleza reside no seu mistério; se desfizemos a trama sutil que entrelaça seus elementos, evapora-se a essência toda.” Enquanto isso, na Carta XV, diz que a beleza é “forma viva”, simultaneamente presente para a nossa sensação e entendimento.

### **A Categoria Estética do Sublime**

Sobre o sublime e o que comete a sua historicidade, podemos abarcar o pensamento do Pseudo-Longino, no *Tratado sobre o sublime* que escreveu Cecilio, no processo de fazer um exame sobre o mesmo, acontece que pontua que a todo tratado de arte são exigidas duas coisas. A primeira tem que ver com mostrar qual é seu assunto, a segunda tem que ver com a sua significação.

O sublime associa-se a uma espécie de excelência do discurso, assim os grandes artistas, poetas, escritores, chegaram ao ponto mais elevado da primazia e da imortalidade dos seus renomes. Detalha que é a questão do êxtase que leva à questão do prodigioso, sempre prevalece por sobre o persuasivo e o gracioso, já que este depende de nós, enquanto os demais exercem um poder e uma violência irresistível.

Podemos notar que o Sublime irrompe no momento sublime e acontece que quebra as coisas como um ar de um raio e deixa em evidência a íntegra potência do orador. Isto nos leva a questionar-nos se em verdade existe uma arte do sublime e do profundo.

O conceito de Sublime se encaixa na questão de saber que não existe um conceito propriamente dito dele mesmo, de alguma forma poderia se falar que, em si, não existe o

sublime, caso o entendêssemos como um ente particular, já que ele, o Sublime, tem a particularidade de exceder todo limite, importante é destacar que o Sublime é inobjetável.

Podemos nos perguntar então: o que é verdadeiramente sublime? Ante tal questionamento, o filósofo chileno Pablo Oyarzún indica que o sublime não é redutível a um conceito, já que a característica principal é o efeito que ele provoca, este efeito é denominado como êxtase que no seu agir sofre uma prolongação nos pensamentos que abarcam o tema em questão.

A experiência do êxtase pode nos ajudar a entender um pouco melhor a questão do sublime, como uma experiência por si próprio.

No percurso do aprofundamento destaca-se a distinção entre o sublime verdadeiro e um sublime aparente. O fator que permite fazer uma boa distinção entre um e outro é justamente a experiência do êxtase, o entendida também como a experiência do raptó que gera a dilatação pensativa e absorpta.

Como observávamos anteriormente, o Pseudo-Longino não parece estar interessado em marcar fronteiras categoriais de entre estes termos, mais sim trata de demarcar ou delinear as suas diferenças para poder fazer mais visível a especificidade própria do sublime.

O sublime destaca-se pelo seu contexto específico e pelo sentido das expressões, como ser o grande, elevado, prodigioso, portentoso, profundo, de forma enfática, chegando até a determinar o seu efeito essencial que se denomina o êxtase. Assim explicita Pablo Oyarzún que o êxtase vai se encarregar de definir o denominado “mais” onde o sublime se apoia. Ele é a peça essencial na qual é baseada a exegese da doutrina que propõe o Pseudo- Longino

Importante é destacar que, nestas particularidades da manifestação do sublime, o êxtase não é concebido como uma afeção psíquica, mas sim como o espaço onde convergem ao mesmo tempo alma, linguagem e mundo.

Passemos agora a ver um panorama da concepção do sublime em Edmund Burke, Kant , Schiller e Hegel.

Burke, ao examinar o belo e o sublime, interpreta os mesmos como sendas emocionais que experimenta o sujeito, indicando as suas peculiaridades e as causas relativas de duas classes: objetivas, quando fundadas em propriedades dos objetos que afetam o espetador e subjetivas, quando fundadas em mecanismos e operações da mente.

Para Kant, o termo sublime designa a experiência que o sujeito faz de si mesmo, da sua originária disposição e destinação, a propósito de certos objetos e eventos da natureza. Kant expressa que, na maioria das vezes, a natureza acorda as ideias do sublime pelo caos, desordem

e devastações mais selvagem e carentes de regra, quando só se pode observar magnitude e poderio. O sublime não indica absolutamente nada conforme a fim na natureza mesma, mas só no uso possível das suas intuições para ser susceptível de serem sentidas em nós mesmos uma conformidade eternamente independente da natureza. Para ele, o prazer no sublime é indireto na medida em que nasce de uma veemente efusão das forças vitais que segue imediatamente ao sentimento de uma inibição momentânea.

Para Schiller, o que está propriamente em questão na sublimidade é a relação na qual se acha o homem em relação ao objeto. Uma dualidade estriba, por um aparte, na relação em que se coloca o objeto com as forças da apreensão. Por outra parte, com a força vital, elas equivalem aos impulsos. Schiller expressa: fracassamos no intento de forjarmos uma imagem ou conceito do objeto, no segundo, consideramos a total superioridade do seu poder frente ao nosso. Mais precisamente com ocasião deste fracasso que de uma forma dolorosa patenteia a nós mesmos a nossa radical limitação sensível e nos encontra absortos e fascinados: regozijamo-nos pelo infinito sensível, porque podemos pensar o que os sentidos já não estão apreendendo e o entendimento já não concebe.

Assim, Schiller vai determinando que os dois objetos sublimes são o infinito sensível e o terrível. Ambos são descritos como uma espécie de atração de irresistível violência. Esta, a violência, refere-se a algo que o objeto exerce sobre nós como criaturas sensíveis, mas que desperta em nós a consciência da nossa íntima superioridade sobre esta determinação.

Neste sentido, é uma violência que fazemos nossa, como ofertando em sacrifício essa mesma determinação. Nisto consiste a concordância entre o sensível e a razão, e é precisamente esta concordância que provoca o prazer, o sublime é a sua discórdia. É esta a que recolhe e fascina o homem, na medida em que revela a sua originária capacidade e força de inteligência pura, não submetida aos condicionamentos físicos.

Quanto a Hegel, poder-se-ia dizer que o fundamental do conceito sobre o sublime fica esclarecido na seguinte afirmação: *Este configurar, no mesmo tempo é anulado pelo exposto, de modo tal que a exposição do conteúdo, desvela-se como uma superação do expor.*

Esta afirmação atribui ao sublime uma estrutura dialética. Assim a elevação, que é própria dele, será interpretada no sentido da superação. Hegel sugere aqui que a interpretação do conteúdo, presente na base do sublime, é uma que nega a impertinência de qualquer interpretante a respeito do conteúdo, a impossibilidade de estabelecer equivalentes sensíveis para o conteúdo inteligível.

Hegel traz a determinação herdada do sublime ao circuito da dialética, aqui se dá um momento decisivo na história das teorias do sublime. Decisivo, pois com essa incorporação do sublime na economia dialética e, de acordo com o programa do sistema hegeliano, revelara-se que a dialética tem comandado mais secretamente ou mais abertamente aquela determinação.

Assim, o sublime é inscrito teologicamente num movimento da verdade que está controlado precisamente pelo princípio da adequação, positividade essencial que a alma, a mente ou os ânimos registram como prazer e que, no caso de Hegel, tem o seu rendimento estético supremo na beleza como manifestação sensível da verdade mesma, como o aparecer da Ideia.

## **CAPÍTULO II**

### **UM PANORAMA SOBRE A METAFÍSICA E A EPISTEMOLOGIA DE SCHOPENHAUER**

Nesta seção, faremos uma abordagem panorâmica da Metafísica e da epistemologia de Schopenhauer.

Schopenhauer tem seu ponto de partida na filosofia de Immanuel Kant. Ele coloca o olhar na conclusão de Kant sobre a questão do conhecimento metafísico que tinha como proposta a demonstração da existência de Deus ou da alma.

A respeito disto diz que não é um conhecimento válido, porque o conhecimento válido precisa de uma combinação adequada dos conceitos com a experiência. Até aqui não se pode ter experiência de Deus nem da alma, neste sentido o conhecimento vai ser uma pura abstração.

Schopenhauer está convencido que esta metafísica está ultrapassada, e toma consciência de que as necessidades essenciais humanas que essa metafísica satisfazia agora estão sem respostas.

Essa necessidade de respostas metafísicas para Schopenhauer tem três níveis. Primeiramente, é uma necessidade teórica, porque o homem precisa de uma explicação do que é o mundo, do que é o sentido da sua vida, adequada a sua compreensão.

A segunda necessidade é uma necessidade moral, o ser humano precisa saber o que deve ou não deve fazer, o que é o bem e o que é o mal.

A terceira necessidade é uma necessidade de ser feliz, necessidade esta de sentir-se bem, e, portanto, é uma necessidade de estar livre das misérias desta vida.

Estas três necessidades ainda continuam vivas, e é por isto que Schopenhauer vai se propor na sua filosofia a construir outra metafísica que não siga a linha da anterior e que foi declarada por Kant como inválida. Essa filosofia terá que satisfazer as necessidades metafísicas do ser humano que continuam vivas.

A familiaridade de Schopenhauer para com Kant consiste em dar uma importância na distinção que ele faz entre o mundo dos fenômenos e a coisa em si. Assim denota-se que o ponto de partida não só da epistemologia ou da ontologia, mas de toda a filosofia de Schopenhauer, é a distinção kantiana entre fenômeno e coisa em si.

Partindo disto, Schopenhauer coloca no seu pensamento filosófico o contraste entre a representação e a vontade, ainda este contraste não existia na filosofia de Kant. Ele vai procurar

estabelecer as diferentes leis de nossa faculdade de conhecer, das quais a expressão comum é o princípio de razão suficiente.

A originalidade de Schopenhauer radica em que o princípio de razão suficiente, que estabelece que não há nada que não tenha uma razão de ser, são manifestadas em quatro formas distintas e irreduzíveis entre si.

Para isso reduzia todos os aspectos da realidade a quatro classes básicas: os conceitos empíricos, os conceitos abstratos, os objetos matemáticos e o Eu que é o objeto do conhecimento.

O princípio de razão suficiente não se aplica de igual forma a estes diferentes fenômenos. Dentre os conceitos empíricos aparece como explicação causal, dentre os abstratos como dedução lógica, dentre os matemáticos como consistência, e para com o Eu como determinação do caráter e motivação.

Para adentrarmos na compreensão pontual sobre o mundo como representação, faz-se importante entender que ele é o mundo tal qual nos aparece em sua particularidade, singularidade e multiplicidade. O mundo como representação está composto por dois princípios, o primeiro é o princípio de individuação, o segundo é o princípio de razão suficiente. Vamos ver em que consistem cada um destes princípios.

O princípio de individuação tem relação com o espaço e o tempo e em como estes individualizam, multiplicam e fazem acontecer os fenômenos.

O princípio de razão suficiente tem a ver com que todo fenômeno que aparece no tempo e no espaço é explicável pela manifestação própria de cada um deles de se manifestar de um modo específico e não de outro.

Aqui se faz imprescindível um algo mais metafisicamente real que é denominado por Schopenhauer como o Mundo da Vontade, porque para ele o mundo é Vontade.

Pelo corpo podemos ter acesso a essa realidade metafísica e ter a consciência interna de que somos vontade em si. A vontade como essência do princípio do mundo surge justamente na experiência afetiva e ela, a vontade, passa a ser uma força que age na natureza e também passa a ser um desejo que move o ser humano. Ela se objetiva em formas eternas denominadas por Schopenhauer como ideias platônicas, estas são os modelos das coisas particulares que se apresentam ao homem.

No mundo como vontade e representação, Schopenhauer interpreta a coisa em si de Kant, colocada anteriormente, como vontade. A maioria dos pensadores sustentam que o mundo no

seu conjunto é bom e racional e os que são maus são os seres humanos deixando-se levar pelas paixões, pelos interesses, pelos desejos inconfessáveis etc.

O que Schopenhauer formula aqui é totalmente o oposto, para ele, o ser humano é a vítima e o que padece neste cenário, o mundo é o que é mau e sinistro.

Agora cabe a pergunta de como o ser humano pode escapar deste mundo tão cruel? Schopenhauer indica que a razão apenas nos serve para justificar os ímpetos da vontade.

Quem deixasse levar pela paixão, pelo desejo, pela vontade; esse ser humano está condenado, continuando o ciclo permanente que o leva do não ter, sofrendo por isto, ao ter e sofrer na tomada de consciência de ter muito. É a razão que pode nos mostrar as coisas como elas são. Assim ao ter contato com ela o ser humano poderá fazer uma renúncia à vontade que esta constituindo a ele mesmo.

Para Schopenhauer, a grande vontade que tudo move é uma espécie de monstro terrível que deseja e acumula o frenesi das paixões e que não tem nenhum objetivo porque deseja coisas que não levam a nada mais que seguir desejando.

O ser humano deseja desejar. Aqui a vontade somente quer, prolongando este circo das paixões e dos enfrentamentos. O papel da razão é revelarmos à vontade tal qual ela é, para que, tendo consciência, possamos fazer opção de não participar deste jogo do qual nenhuma das partes pode sair com ganho.

Schopenhauer percebeu que o corpo nos é dado como objeto fenomênico, mas ao mesmo tempo como vontade de viver. O ser humano é uma corrente de paixões agitadas e de impulsos, a interioridade é a via certa para ter acesso à coisa em si, na medida em que o ser humano é uma criatura de vontade.

Ele expressa que tudo é, que toda a realidade é um querer que se quer infinitamente em si mesma, na multiplicidade das suas objetivações, sem nunca se conseguir alcançar.

Inclusive o entendimento é um recurso desse todo que é vontade em virtude de que o ser humano é um desejo eternamente insatisfeito, ele o ser humano persegue diferentes objetos sem poder jamais chegar até eles. Até quando consegue alcançar os mesmos, fica hasteados deles, justamente porque todos estes objetos são somente representações que a mesma vontade coloca no ser humano, por isto a vida mesma é um sofrimento permanente.

Para poder superar esta situação, Schopenhauer propõe três caminhos:

O primeiro é a contemplação estética. É nela que a vontade consegue se aquietar. As diferentes artes se correspondem a diversos graus de objetividade da vontade, desde a

arquitetura, através da escultura, da pintura e da poesia, até a tragédia, onde se apresenta o conflito da vontade consigo mesma.

*Ao lado da sua estética, Schopenhauer colocou a sua ética. Ele a instituiu como coroamento daquela: pois a ética era a doutrina da inversão da vontade no nível mais alto de sua objetivação, o homem; era a doutrina da autonegação e autossuperação da vontade graças à compreensão da terrível equivocidade e vileza do mundo do sofrimento, o qual era a sua obra e o seu espelho, a sua objetivação; graças, portanto, ao autoconhecimento da vontade de viver como aquilo que deve ser absoluta e definitivamente negado. Como isso era possível? Como a negação da vontade podia provir da vida, que era, de um extremo ao outro, vontade de viver? Isso se tornava possível justamente porque o mundo era um produto de um ato da vontade, e tal ato podia ser anulado e suprimido por um ato negativo, um ato contrário à vontade. Esse era o feito do conhecimento livre, que numa espécie de rebelião cósmica de escravos se desvencilhava da vontade e punha fim a sua servidão, e tal feito era conteúdo mais íntimo, a função última da ética, que devia conduzir a ele.*

*Que é, enfim, a ética? É a doutrina das ações dos homens, a doutrina do bem e do mal. A doutrina? A vontade cega, imotivada e sem sentido, podia ser ensinada? Certamente que não. Certamente, a virtude não podia ser ensinada., tão pouco quanto vontade. Assim como ninguém se tornava artista por lhe terem explicado a essência do estado estético, assim também ninguém se tornava bom e evitava o mal porque lhe explicaram o sentido e a significação de um e outro, o que Schopenhauer, como filósofo, estava pronto a fazer. (MANN Thomas. Pensadores modernos. p 106-107.)*

Quanto à música, ela é para Schopenhauer uma reprodução da vontade mesma, mas em maior ou menor medida, todas as artes são libertadoras quando permitem o surgimento da contemplação desinteressada. Estas não redimem o homem de modo definitivo, mas permitem um alívio momentâneo.

A segunda via consiste em desenamorar-se da vida, porque justamente é a vontade a que nos faz apegar-nos à vida. Por este caminho ascético se desenvolve a compaixão pela qual o ser humano assume todo o sofrimento do mundo inteiro, procurando ativamente o sofrimento próprio e do outro, de tal modo que o interesse pela vida vai diminuindo progressivamente.

A terceira via é transformar o querer em não querer. Assim poderá o ser humano aniquilar em si todo desejo.

## CAPÍTULO III

### A APLICAÇÃO DAS CATEGORIAS ESTÉTICAS SELECIONADAS AO PENSAMENTO SCHOPENHAUERIANO

Nos capítulos anteriores logramos fazer um percurso primeiramente histórico das categorias estéticas e um panorama sobre a Metafísica e a epistemologia de Schopenhauer. Agora abordaremos a aplicação das categorias estéticas do belo, da graça e do sublime no pensamento de Schopenhauer.

Iniciaremos com as categorias estéticas do sublime, indicando que para Schopenhauer é algo poderoso e aterrorizante, capaz de despertar uma estranha sensação de prazer no sujeito. Por exemplo, quando uma pessoa está testemunhando um furacão ou uma vasta área deserta, pode se sentir sobrepujado por sua força extraordinária e exultante.

Para Schopenhauer, isso implica uma espécie de "desvio da vontade". O poder magnífico do objeto supera nossa vontade e a desvia violentamente de nós, assim entramos num estado de pura contemplação do objeto, resultando numa estranha fruição denominado: *o sublime*.

É um estado instável, difícil de manter, porque qualquer consciência do perigo particular ao qual o objeto nos expõe, ou da própria reflexão que o objeto projeta sobre nós, destruiria o efeito. Portanto, por exemplo, percebemos o poder extraordinário do tornado, mas se percebermos que o tornado está realmente vindo em nossa direção e provavelmente nos matará, não o sentiremos mais como algo sublime, mas simplesmente como algo aterrorizante.

O sublime implica a limitação da nossa percepção, mas, ao mesmo tempo, temos a possibilidade de pensarmos essa imensidão, ele representa a grandeza do ser humano, e é quando estamos ante do grandioso que descobrimos o infinito que está dentro de nós, como já havia apontado Kant e, em certa medida, o próprio Pseudo-Longino.

Poderíamos dizer que, ao contemplar aquilo que fascina e que atrai a nossa atenção de uma forma particular, deixando-nos como num estado de êxtase, como se estivéssemos fora de nós mesmos, reconhecemos a nossa própria infinitude, característica ao mistério humano. Aquilo que transborda lá fora também transborda no interior da existência humana.

O objeto desencadeador do sublime é uma imagem no fundo limitada, mas o fato de ela ser assim para nós é um impulso para descobrir o nosso espírito ilimitado, já que esta imagem sempre está ligada à grandeza do sujeito. Contudo, a experiência que é gerada é experiência do ser humano mesmo como sujeito da representação. Schopenhauer adentra-se nesta questão do sublime, e, para fazer isto, ele a aplica trabalhando sobre a questão da razão-entendimento.

A natureza seria mais adequada para despertar o sentimento próprio ao sublime, uma vez que a arte sempre será mais breve, mais reduzida em suas dimensões e menos impactante do que um fenômeno natural.

Kant supõe que o sublime indica uma relação entre as faculdades da razão-entendimento e da imaginação. O desestabilizar significa uma força contrária à tranquilidade serena do belo. Para ele o sublime matemático é da grandeza imensurável e existe igualmente o sublime dinâmico.

Schopenhauer entende o sublime como um elemento que se opõe à nossa vontade, também por sua magnitude e intensidade. Para transcender a relação ameaçadora, ele precisa estar numa relação de segurança. Para Schopenhauer, as categorias não são comunicáveis, existe uma gradação do belo para o sublime. Existe uma gradação que representaria uma oposição mais ou menos violenta em relação à vontade, o que vai permitir o desprender da vontade é um distanciamento.

Podemos afirmar então que as coisas e os seres do mundo representacional estão totalmente baseados no princípio de individuação. Isso gera esse sentimento de não abastecimento interno e externo que podemos descrever como uma espécie de opressão insuportável. Ante tal situação que atravessa o ser humano, é necessária uma saída dessa particular manifestação, restrita ao espaço, ao tempo e ao princípio de causalidade.

Pois bem, isto vai acontecer mediante a contemplação do fenômeno ou da obra de arte, ante a qual se coloca o ser humano em atitude diferente de observação da natureza. É diferente porque o ser humano já não a observa de uma forma habitual, como percebe na sua cotidianidade, mas de um jeito distinto, deixando-se encantar pela manifestação logrando adentrar-se nessa contemplação pura do objeto, para assim poder intuir a ideia mesma do objeto contemplado. Esta atitude, para Schopenhauer, é justamente uma das vias de libertação – ainda que efêmera, como vimos – da Vontade, promovida pela contemplação das ideias, primeiro grau de objetivação da própria Vontade, ou pela apreciação de uma espécie de análogo da Vontade, como ocorre na experiência musical.

Assim, manifesta-se o verdadeiro sujeito de conhecimento puro que gestasse ante esta particular disposição do ser humano para com o objeto contemplado e aprofundado. O ser humano com esta atitude está abandonando o mundo representacional e o jugo da vontade, logrando esquecer por um momento aquela angústia ou opressão insuportável gerada pela força da vontade.

Neste momento, o sujeito puro de conhecimento está frente à ideia do objeto particular, ele adentrou-se de uma forma tão peculiar que o mundo da representação some para os dois.

Acontece, assim, o seguinte movimento: o sujeito, a partir da intuição, transforma-se no objeto que contempla e o mundo como representação submetido ao princípio de razão oculta-se para dar passo o mundo da representação independente do princípio de razão. Aqui, nesta contemplação, os objetos particulares desaparecem dando lugar ao “em si” das coisas, anulando os efeitos das formas *a priori* do princípio de individuação.

O sujeito compreenderá imediatamente que ele como tal é a condição, o suporte do mundo e de toda as existências objetivas, pois estas vão se apresentar de agora em diante como dependente da sua.

Para Schopenhauer, o belo é objeto da nossa consideração estética. Isto acontece nesse processo da nossa aproximação até o objeto. Assim acontece que o ser humano passa a conhecer de modo objetivo o objeto.

Como acontece com a manifestação do sublime, aqui surge uma tomada da consciência do ser humano mesmo não mais como mero indivíduo, senão como puro sujeito de conhecer destituído da vontade.

Assim a beleza é a manifestação do em si das coisas, como elas são na ideia mesma. Quando algo belo se apresenta ante o ser humano conhece ele a própria essência delas, por exemplo, o belo é manifestamente o objeto privilegiado da escultura. Tanto a beleza como a graça são o tema principal da escultura, já que se manifesta no caráter espiritual, no afeto, na paixão expostos pelas várias expressões fisionômicas e pelos gestos mesmos.

Schopenhauer explicita que, assim como a beleza e a graça são objeto privilegiado da escultura, ela ama o nu e suporta o planejamento apenas à medida que ele não esconda as formas. Assim, a escultura serve não como um velamento, mas como uma exposição indireta da forma cujo modo de exposição ocupa bastante o entendimento, pois este alcança a intuição da causa, a forma do corpo, pelo único efeito dado imediatamente.

A bela forma corporal também é vista da maneira mais vantajosa, assim uma pessoa de extrema beleza, se também tivesse gostos e pudesse seguir a este, andaria, como explicita Schopenhauer, de preferência nua, vestida apenas à maneira dos antigos; assim também todo belo espírito rico em pensamentos expressará a si mesmo sempre da maneira mais natural, mais cândida e simples possível, caso lhe for permitido comunicar seus pensamentos aos outros e assim aliviar-se da solidão a que se vê obrigado num mundo como este.

Também a Pintura Histórica tem ainda um caráter por objeto privilegiado ao lado do belo e da graça, porque aqui se entende em geral a exposição da vontade no grau mais elevado de sua objetivação, no qual o indivíduo, como acentuação de um lado particular da ideia de humanidade, possui significação própria, que se dá a conhecer não apenas mediante a simples figura, mas por ações de todo tipo e modificações do conhecer e do querer que as ocasionam e acompanham, visíveis no rosto e nos gestos.

Na medida em que a ideia de humanidade é passível de exposição nessa envergadura, o desdobramento de seu caráter multifacetado tem de ser trazido à luz em indivíduos plenos de significação, os quais, por sua vez, só podem se tornar visíveis em sua significação através de cenas variadas, acontecimentos e ações. (O mundo como vontade e representação Pp 261, 264, 265, 266)

A graça contém os elementos de espontaneidade e de movimento, é necessário, neste caso, uma disposição, uma flexibilidade, uma docilidade, para ela poder ser irradiada, manifestada pelo objeto. A graça seria a flexibilidade dos movimentos, o contrário à graça é a rigidez.

A expressão que nos parece mais próxima da graça seria a bailarina graciosa. Este acontecimento se manifesta fora das relações estabelecidas pelo tempo e pelo espaço, já que acontece quando a coisa é conhecida não se determina uma dentre as espécies instalada num tempo determinado, mas sim a apreensão das ideias pela arte.

Acontece a mesma coisa com o indivíduo que está tendo a experiência de conhecer esteticamente tal ou qual objeto, ele fica suprimido, porque pelo princípio de razão, foram suprimidos tanto o indivíduo que conhece como a coisa que está sendo conhecida, ficando somente a Ideia e, o puro sujeito do conhecer.

Como foi exposto, a representação não somente fica isenta do tempo, mas também do espaço, isto acontece porque a ideia não é uma figura que corresponde ao espaço, ela não está diante do indivíduo de forma tangível, ela é como a nomeia Schopenhauer:

Existe uma espécie de hierarquia de beleza nas coisas, já que nela será mais notável o belo à medida que facilite o acesso à objetividade, permitindo atingir o estado de intuição pura, modo pelo qual a ideia é conhecida.

O ser humano, está denotado ou catalogado como o mais elevado objeto das artes plásticas, como numa espécie de hierarquia, da qual ocupa o pódio.

Depois dele, as suas ações, que correspondem à poesia, e, assim, seguindo uma ordem se determina que cada coisa tem a sua beleza específica, passando pelos seres inorgânicos e

orgânicos já que todos manifestam as ideias, e são elas as que se exprimem manifestando-se nas várias exposições das coisas.

Existem algumas coisas que permitirão esta manifestação de forma mais plena, conseguindo alcançar a ideia propriamente dita de uma forma mais pura. Isso tem uma diferença em relação àquelas coisas que não permitem pelos seus aspectos esta manifestação de uma forma tão pura, mas de igual maneira, como num nível menos elevado permite a comunicação da ideia, já que elas, apesar de que a arte esteja maltratada ou os aspectos da natureza descuidados, não podem ficar totalmente banidas. A ideia que se exprime a partir das coisas se dá em conexão com o material no qual se deu essa ou aquela forma artística, porque no artefato se exprime a sua forma substancial não a accidental.

## CONCLUSÃO

No percurso da pesquisa pelas categorias estéticas do belo, da graça e do sublime nota-se um profundo interesse pelas grandes áreas que abarcam tais questões.

As categorias estéticas são para a cultura, a sociedade e para o indivíduo, aquilo que de alguma forma lhe permite adentrar-se nele mesmo e adentrar-se no outro e nas manifestações de ambos expressadas por exemplo nas artes.

Isto promove uma comunicação estética de índole muitas vezes transcendente, permitindo uma superação dos limites para com o grande desejo e necessidade que temos, os seres humanos, de contemplar a nossa realidade e tudo o que a atinge, tal qual é na sua essência.

Já desde a antiguidade, passando pela Idade Média, a Modernidade chegando até a nossa contemporaneidade denota-se os detalhes estéticos pelas grandes obras de artes, poesia, música, arquitetura, pela beleza das expressões do pensamento do ser humano etc. Isto demonstra um caudal de atos éticos e estéticos que sustentam o enorme e substancial legado descoberto, criado e transmitido pelo sabor e o gosto tão ilustrado da essência mesma do ser humano.

As análises feitas desde Schopenhauer sobre as categorias levam a uma profunda consciência ética e estética sobre a vida e as suas relações sustentáveis para com uma democracia marcante, na qual as pessoas num convívio social podem entender-se e perceber-se capazes de abordar temas referidos às artes, que levam a elas a se adentarem cada vez mais nas realidades específicas do seu tempo.

Temos, como resultado, uma forte abordagem para com o cuidado de si mesmo e do outro, passando pelo percurso da história e projetando um futuro profundamente coerente com as suas expressões existenciais mais profundas.

O ser humano dotado de tais capacidades que brotam como manancial do seu interior, manifesta claramente a maravilha do seu ser. Abordando as categorias estéticas do belo, da graça e do sublime, ele consegue reconhecer lá fora o que verdadeiramente tem a sua origem na sua essência humana.

Isto implica uma perspectiva maravilhosa já que se descobre como mistério que se autorevela para si mesmo ao expressar e ao contemplar aquilo que está exposto para os seus olhos; falando de uma pluralidade de sensações, acontecimentos, melodias, de essência e existência.

Os capítulos apresentados vão desenvolvendo de uma forma dinâmica a coerência das categorias estéticas até chegar a abordá-las no pensamento de Schopenhauer, no qual, sem

dúvida alguma, conseguem ser bem definidas para serem aplicadas as realidades de vida dos seres humanos.

A contemplação estética permite ao ser humano adentrar-se na sua realidade a partir de outro ponto de vista; ele consegue enxergar e se enxergar a partir de outras perspectivas que anteriormente não conseguia fazer.

Justamente isto acontece porque se permite ser surpreendido pela manifestação mesma da beleza do objeto admirado. Não somente intui a particularidade fascinante do objeto, mas ainda inicia uma descoberta da sua realidade existencial como um fenômeno novo e preenchido de detalhes desconhecidos até o momento.

De fato, a pessoa que atinge este nível de percepção da realidade, observa-a a partir de outro enfoque que implica uma nova forma de abordar a sua existência.

Ante uma atualidade envolta na pandemia, causada pela Covid-19, a humanidade inteira fica interpelando-se cotidianamente diante os acontecimentos que surgem como consequência do isolamento social. A maioria deles causam diversas situações particulares, e a maioria delas provém da interpelação existencial humana.

As categorias estéticas por meio da arte posicionam-se como uma espécie de sustentação da raça humana nestes tempos; ela mesma fica encarregada de levar aos lares isolados, as famílias, as pessoas que moram sozinhas etc; conteúdos da sua índole artística para que, comunicando-as, possa a humanidade se sustentar das mais belas mensagens transmitidas, assimiladas, digeridas e vivenciadas ante tanta obscuridade global.

Também podem descobrir nelas, a graça específica que ajude a achar as limitadas alternativas para poderem se refazer em tempos pandêmicos, iniciando desde o individual para chegar até o marco comunitário-social.

O sublime também se destaca nestes tempos, porque ante uma situação de pandemia mundial, o ser humano acha a sua limitação vital tão marcante, exposta, e em situação de risco. Por isto, o ser humano, uma vez mais se assombra da força da natureza, do fato viral de uma doença, e com isto da fragilidade envolvente que atinge as suas estruturas vitais.

A experiência do assombro ante as consequências da Covid-19, como ser o assombro frente a morte; uma das experiências limites mais radicais que atinge o ser humano. Morte que abraça a um grande número de pessoas pela mesma causa, sem dar prioridade alguma a nenhum tipo de posicionamento ideológico, religioso, étnico socioeconômico, político, educacional etc.

O ser humano se experimenta fragilizado, pandêmico e com poucas alternativas para uma superação de tal acontecimento histórico.

Tratar com a morte cotidianamente é um dos convites impostos pela covid-19; quiçá esta experiência nos leve, como humanidade, a refletir que, na verdade, tratamos com a morte a cada instante de nossas vidas em graus ou estágios distintos, mas, em definitiva, é a morte mesma que entabula uma vez mais um diálogo conosco, indicando que ela e a vida são como anverso e reverso de uma moeda.

Vida e morte se encontram dentro do mesmo hemisfério, ligadas por um sustento existencial indispensável e inseparável.

Justamente isto se dá graças a experiência do sublime. Uma experiência que implica a partir do seu contexto específico as suas expressões próprias do grande, elevado, prodigioso, portentoso, profundo, etc., chegando até a determinar o seu efeito essencial que se denomina êxtase.

É aqui que a experiência se faz palpável, e isto é assim porque cada pessoa, por causa desta experiência denominada Sublime, chega a experimentar na sua própria existência o sentido profundo e essencial da fragilidade humana, da cooperação mútua, da integração individual e social, da suma das partes, e da realidade natural da morte na sua vida.

Acredito que, nestes tempos, a arte se gesta de uma maneira mais profunda, porque suas gestantes estão com mais tempo para experimentar as várias interpelações do silêncio e da criatividade que faz crescer no útero do artista obras que sejam realmente preponderantes para o nosso tempo presente, e ainda mais preponderantes para o nosso tão instável futuro.

É o artista, por meio da obra de arte, que chega a tocar as fibras mais íntimas dos seres humanos tão sensibilizados pelo fato pandêmico, que consegue transmitir a eles, irradiar e comunicar os mistérios mais insondáveis da capacidade humana e daquilo que transcende a nossa raça propriamente dita.

É o artista que ingressa pela música, os textos, os contos, as meditações, a TV, a rádio computadores, celulares, aplicativos, filmes, séries, documentários etc., chegando até as inumeráveis famílias isoladas e com temor.

A Arte uma vez mais se coloca a serviço para sustentar, dar uma resposta de vitalidade e oferecer um caminho de superação, crescimento e autoconhecimento para a humanidade doente.

Eu acredito no futuro, acredito no futuro que traz consigo renovada forma de viver a existência.

Acredito no futuro misterioso, que leva pelas costas a humanidade vindoura.

Acredito que a graça que se apresenta tão coberta será descoberta pela simplicidade de uma expressão sincera.

Acredito no coração humano, que, sensibilizado pelas circunstâncias, olhará para os lados entendendo o clamor do outro a ser enxergado.

Acredito na força do amor desmedido que derrubará toda expressão blindada para se doar por inteiro ao zelo pela causa da raça humana.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SCHOPENHAUER, Artur. O mundo como vontade e como representação. Primeiro tomo, quatro livros seguidos de um apêndice que contem a crítica da filosofia kantiana. Tradução apresentação, notas e índices: Jair Barboza. São Paulo Editora UNESP
- SCHOPENHAUER, Artur. O mundo como vontade e como representação. Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo. Segundo Tomo. Tradução, apresentação notas e índices de Jair Barboza. 1.ed. São Paulo. Unesp 2015.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BARBOZA, Jair. A Metafísica do belo de Arthur Schopenhauer. São Paulo: UNESP, 2003.
- DIAS, Rosa Maria. “Schopenhauer e a arte”. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (org). Os filósofos e a arte. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- OYARZÚN Robles, Pablo. Razón del éxtasis. Estudios sobre lo sublime De Pseudo-Longino a Hegel. Editorial Universitaria, 1 edición Santiago de Chile. Universitaria 2010.
- PSEUDO-LONGINO. De lo sublime. Traducción Eduardo Molina, e Pablo Oyarzun. Noticia Preliminar, Notas e índices de Pablo Oyarzun. Adiciones Metales Pesados. Santiago de Chile, Júlio 2007

- SALGADO GONTIJO, Clovis. A Categoria e o âmbito da graça. Introdução a Estética. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. (Material didático)
  
- SALGADO GONTIJO, Clovis. Definições de Beleza. Filosofia Complementar – Introdução à Estética. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. (Material didático)
  
- SALGADO GONTIJO, Clovis. O papel do charme na estética musical de Vladimir Jankélévitch. In: TOMÁS, Lia (org.). Fronteiras da música: filosofia, estética, história e política. São Paulo: ANPPOM, 2016.